

Povos Mura e Pupÿkary: a relação educativa da criança amazônica originária

Pueblos Mura e Pupÿkary: la relación educativa del niño amazónico originario

Mura and Pupÿkary Peoples: the educational relationship of the original Amazonian child

[Alcioni da Silva Monteiro](#)^{ID} [Hely Brasil do Nascimento](#)^{ID} [Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas](#)^{ID} [Romildo Pereira da Cruz](#)^{ID}

Destaques

No convívio com seu povo, a criança originária desenvolve habilidades sociais e emocionais.

Conhecimento e cultura de grupos originários são dinâmicos, adaptando-se às circunstâncias sociais e culturais.

Para o povo Mura e Pupÿkary, Educação tradicional é resistência e reafirmação da identidade cultural.

Resumo

Este artigo analisa a visão dos povos originários sobre a educação e os cuidados infantis na aldeia Correnteza Mura e do povo Pupÿkary. Por meio da autoetnografia e da dialética, contextualiza-se a cosmovisão desses povos sobre os cuidados com suas crianças, baseando-se em Vygotski sobre a interação humano e ambiente. Revela-se que a educação diária dos povos mostra como os pais integram o ambiente familiar e escolar, evidenciando a preservação cultural e identitária. A pesquisa destaca a importância da afetividade nas relações sociais, influenciando o comportamento educacional ao longo da vida.

[Resumen](#) | [Abstract](#)

Palavras-chave

Relações educacionais. Cultura. Criança originária. Mura. Pupÿkary.

Recebido: 18.09.2023

Aceito: 13.03.2023

Publicado: 19.08.2024

DOI: <https://doi.org/10.26512/lc30202450853>

| Introdução

Quando abordamos as questões de educação tradicional *versus* educação escolar, automaticamente adentramos em diversos campos de pesquisa que estudam o processo de aprendizagem, especificamente os elementos que interferem ou dificultam essa ação. A discussão desse estudo enfatiza a necessidade de um olhar cuidadoso sobre a educação e o papel frente aos cuidados dos pais no desenvolvimento de suas crianças originárias. Tal fato instiga os docentes construtores deste texto a repensarem esse desafio, pois, além dos problemas implícitos nas situações de aprendizagem relacionados ao desenvolvimento cognitivo e psicomotor, existe a educação informal e os cuidados dos pais, aspectos pouco discutidos nas instituições educacionais.

Frente a essas questões, Luciano (2006) e Vygotsky (1998), tecem um panorama em que a criança é vista como um ser intrinsecamente ligado ao contexto social e cultural aos quais está inserida. Luciano (2006) salienta a importância de reconhecer as crianças originárias como participantes atuais de nossa sociedade, sublinhando que negligenciar o bem-estar e suas contribuições no presente compromete o futuro. Esse pensamento nos convida a valorizar e a investir nas crianças, motivando-as e capacitando-as para serem agentes de transformação imediatos e futuros, aptos a fomentar um mundo sustentável e justo.

Já Vygotsky (1998) amplia essa visão ao identificar a linguagem como o alicerce para tal engajamento e desenvolvimento. O processo de apropriação do conhecimento pela criança ocorre mediante a interação social mediada pela linguagem adquirida em comunicação com os adultos e outros membros da sociedade. Essa perspectiva é enriquecida pelo entendimento de Vygotsky e Lúria (1996) de que a interação direta com os adultos é crucial, já que é por meio dessa interação que a criança absorve a estrutura e os significados da linguagem, fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e a capacidade de formar conceitos complexos.

Integrando as ideias, percebemos um consenso sobre o papel ativo das crianças na sociedade e a essencialidade da linguagem como meio nesse processo. Valorizar a fala e o diálogo com as crianças e suas formas de educação com a família, não apenas promove o desenvolvimento individual, mas também nutre a capacidade delas de contribuírem significativamente para a sociedade.

Com base nesses aspectos, este estudo adota uma abordagem transversal e autoetnográfica para elucidar as práticas de educação tradicional na Aldeia Correnteza Mura, localizada no Rio Urubu, em Itacoatiara, Amazonas, Brasil. O objetivo é compreender como os pais dessa comunidade cuidam de suas crianças e como essas práticas são influenciadas por suas percepções. A pesquisa é apoiada por um professor pesquisador que reside na aldeia, o que proporciona uma visão interna e detalhada.

Além disso, este estudo se associa à pesquisa da professora pesquisadora Pupýkary, nativa do sul do Amazonas. Ela, além de acompanhar o trabalho dos professores originários como coordenadora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC), vivencia intensamente os conflitos relacionados à descaracterização de sua cultura de origem na cidade de Lábrea, Amazonas, Brasil.

Portanto, o artigo se concentra na representatividade e resistência dos povos Mura e Puþykary em manter sua história e suas tradições culturais vivas diante de um mundo moderno que ainda carrega traços de racismo e preconceito, muitas vezes tentando silenciar a voz dos nativos do mito conhecido como Brasil.

Assim, ao identificar as contribuições do modo de vida e do processo de desenvolvimento e comunicação na aldeia, em sintonia com outras percepções originárias, este estudo adota uma visão crítica, mais adequada e realista. Isso ocorre pois evidencia a importância da compreensão das formas de vivências e a valorização das tradições étnicas para o desenvolvimento da identidade, representatividade e linguagens de crianças originárias, enriquecendo sua compreensão de mundo.

O desenvolvimento individual e coletivo de uma criança originária se dá não apenas no decurso de experiências educativas formais, mas também informais, que lhe permite explorar e aprender sobre o mundo ao seu redor. É no convívio com seu povo que a criança começa a desenvolver suas habilidades sociais e emocionais, aprendendo a interagir com os outros e a lidar com emoções e sentimentos. Esse período relacional é fundamental para moldar o conceito da criança sobre si e sobre os outros.

Além disso, é no âmbito da interação com seu povo que as crianças originárias desenvolvem suas principais habilidades sociais, entendendo a formação de relacionamentos saudáveis e duradouros, seja na aldeia, na escola ou em outros contextos sociais. Isso ressalta a importância de respeitar e valorizar as tradições e a cultura dessas crianças, uma vez que elas desempenham um papel crucial no seu desenvolvimento integral e na formação de sua visão de mundo na vida adulta.

É nesse contexto que fundamentamos o presente artigo, oriundo de duas pesquisas em Educação ofertadas pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Esta escrita busca elucidar como se dá a educação e os cuidados com as crianças, segundo a perspectiva dos pais da aldeia Correnteza Mura (Itacoatiara) e do povo Pupýkary no sul do Amazonas (Lábrea).

Com esse enfoque, as análises estão direcionadas para o cotidiano das crianças originárias, em consonância com as perspectivas tradicionais dos pais de seus respectivos grupos. Assim, o estudo evidencia a seguinte indagação: “Como o processo de educação e cuidados dos povos Mura e Pupýkary auxilia no desenvolvimento e na comunicação dessas crianças dentro e fora da escola?”

Para responder essa questão, o presente artigo analisa a representatividade e resistência em face ao processo da educação escolar indígena de dois povos: Mura e Pupŷkary. Dessa forma, para o aprofundamento analítico, se entrelaçam informações de duas pesquisas em curso, relevantes para as atuais reflexões acerca da temática educacional ofertada e promovida para os povos nativos do Brasil. Assim, a metodologia adotada para este estudo baseia-se nos resultados parciais dessas pesquisas do PPGE da UFAM.

Os dados subsidiados na pesquisa sobre os Mura se concentram na transição da criança mura frente ao seu processo de educação informal, fundamentada em valores culturais, para a inserção na educação formal institucionalizada. Metodologicamente, o estudo apoia-se na análise de documentos escolares importantes, como o Projeto Político Pedagógico e o Currículo de uma escola localizada na Aldeia Correnteza Mura, combinada com a vivência do professor Pesquisador Nascimento, que vivenciou as práticas educacionais e as interações culturais do povo Mura na mesma aldeia, localizada em Itacoatiara-AM.

O segundo enlace tem-se como ponto de partida uma tese de doutorado em andamento, vinculada à professora Pesquisadora Monteiro, que foca na filosofia da Metaepistemologia de Contextos do professor Jesus Lara, questionando as narrativas eurocêntricas e sua influência na América Latina. Assim, o estudo da pesquisadora Monteiro (2023) destaca as cosmovisões do povo Pupŷkary em alinhamento com as contribuições do currículo da educação escolar indígena em Lábrea. Para fundamentar os dados, foram realizadas, após a aprovação pelo Comitê de Ética, entrevistas com sete professores locais, conforme evidenciado pelo Parecer 6.011.763. O trabalho evidencia desafios na preservação da cultura originária e na promoção de uma educação que seja ao mesmo tempo de qualidade e culturalmente relevante.

Ambas as investigações empregam abordagens qualitativas e autoetnográficas, mantendo uma conexão com as vivências e identidades originárias dos pesquisadores, sempre respeitando os protocolos éticos e legais vigentes. O objetivo desse entrelaçamento de informações e pesquisas é aprofundar a compreensão sobre a educação tradicional e escolar na região amazônica, considerando a complexidade e as particularidades dos contextos estudados.

Portanto, aqui, são apresentadas análises parciais baseadas em dados já coletados e examinados. Esses dados estão em sintonia com as experiências diretas dos dois pesquisadores mencionados anteriormente. Os dados expostos são consolidados na análise sob a ótica da filosofia da Metaepistemologia de Contextos, que define a interação da criança com sua família de origem como uma relação dialética e essencial. Assim, busca-se revitalizar a cultura, identidade e história de seus povos. Essa perspectiva alinha-se com as ideias de Vygotsky e Lúria (1996), destacando a importância da assimilação cultural, além da mera aquisição de conhecimentos para o desenvolvimento integral do indivíduo e para a efetivação de sua cidadania.

Ao investigar as práticas educativas em duas culturas distintas, este estudo desafia a noção de que o desenvolvimento cognitivo acontece exclusivamente por meio de processos internos à criança. Em vez disso, ressalta a importância vital da interação das crianças com seus ambientes culturais e sociais. Essa abordagem enfatiza que a educação e os cuidados infantis devem ser vistos como processos integrados, combinando o aprendizado de conhecimentos específicos com a apropriação da cultura local. Adotando essa visão holística e contextualizada, o estudo busca oferecer uma compreensão mais abrangente e eficaz do desenvolvimento infantil. Leva-se em consideração a intersecção da educação tradicional e escolar, bem como o impacto do contexto cultural no aprendizado e crescimento das crianças.

O cuidado como protagonismo da educação tradicional no desenvolvimento identitário das crianças originárias Mura e Pupŷkary

Diversos significados são atribuídos à palavra "educação", abrangendo costumes, cultura e valores, todos integrados ao processo educativo. Assim, a educação compreende o desenvolvimento das virtudes intelectuais e morais dos indivíduos, direcionando-os, aparentemente, à socialização. Nesse contexto, a discussão promovida sobre a educação e os cuidados é entendida como um processo não necessariamente sistematizado ou de progressão linear, mas como uma relação de apropriação e constituição na formação da criança originária.

Assim, quando focamos na educação de povos originários, como é o caso desta pesquisa, entramos em um diálogo com concepções que redefinem a formação educacional como um espelho da cosmovisão e da identidade cultural. Sobre isso, Luciano (2006) contextualiza a importância da compreensão frente ao processo de interação e educação da criança originária no âmbito de sua família.

Nesse contexto, Luciano (2006) também destaca que, no Brasil, persiste uma concepção equivocada e amplamente difundida, resultado do processo histórico, segundo a qual os povos originários seriam carentes de qualquer forma de educação, baseada na falsa premissa de que eles não possuíam sistemas educacionais próprios. Essa perspectiva negligencia a rica tradição oral de transmissão de conhecimentos ancestrais, fundamental na cultura originária.

Esses saberes, passados de geração em geração, não apenas perpetuam a cultura, mas também capacitam os originários em diversas habilidades como música, pintura, artesanato, cerâmica e cestaria. Além disso, eles possuem conhecimentos profundos sobre o sistema de subsistência na floresta. É nesse sistema educacional que se evidencia o papel crucial dos mais velhos para o processo de ensino das crianças, no qual, desde cedo, iniciam as lições aprendidas com seus antepassados, garantindo, assim, a continuidade de suas tradições e práticas.

Deste modo, percebe-se dentro de muitas culturas, especialmente em sociedades tradicionais, que o processo de educação das crianças é intrinsecamente ligado à vida comunitária, em que aprender a assumir responsabilidades e desafios é uma prática incorporada ao cotidiano desde tenra idade. Essa aprendizagem ocorre principalmente por meio da observação e da participação ativa em práticas culturais, como mitos, histórias e rituais, que fornecem experiências empíricas ricas e oportunidades para a autorreflexão. O exemplo vivo dos mais velhos na comunidade originária desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do caráter e das habilidades sociais e técnicas dos jovens. Assim, a figura tradicional do professor, como mediador único do conhecimento, torna-se menos central, pois acredita-se que a família e a comunidade já desempenham efetivamente o papel de guias e educadores na formação do indivíduo.

Para Vygotsky e Lúria (1996), essa aprendizagem começa muito antes das crianças frequentarem a escola. Eles discutem o desenvolvimento, a aprendizagem e as relações sociais desde os primeiros dias de vida, concedendo grande importância ao papel do convívio social, e posicionando as crianças como sujeitos ativos na construção do conhecimento. Apesar da relevância do papel exercido pelos pais, eles não são a única influência na educação dos filhos. Vygotsky (1998) enfatiza que a criança, desde muito cedo, por meio da interação com o meio físico e social, realiza uma série de aprendizagens, construindo um conjunto de conhecimentos que são absorvidos do ambiente e do mundo que a cerca.

Vygotsky (2007) destaca o papel fundamental do brincar no desenvolvimento infantil. Ele enfatiza que, por meio da interação com brinquedos, a criança revela suas necessidades e expressa seus desejos. Embora nem sempre possa realizar imediatamente tudo o que almeja, a criança utiliza-se da imaginação para criar situações e mergulhar em um mundo ilusório, que, mesmo assim, é regido por regras conscientes de comportamento. Esse fenômeno é observado em crianças de todos os contextos, inclusive nas da aldeia.

Sobre esse contexto, o pesquisador Nascimento (2023) traz abordagens valiosas para entender a realidade infantil do povo Mura. Com raízes e vivências autoetnográficas, ele tem se dedicado a explorar a realidade dos povos Mura de Itacoatiara, conforme evidenciado em sua pesquisa intitulada “Contexto histórico-cultural, hábitos de estudos e rendimento escolar de estudantes da aldeia Correnteza Mura Rio Urubu, Itacoatiara – AM/Brasil”. A partir dessa perspectiva, seu principal objetivo foi resgatar e revitalizar informações autênticas, fundamentadas cientificamente, visando valorizar a identidade originária e a fortalecer a preservação cultural dos povos nativos do Brasil. Assim, ele destaca, com clareza e consciência, aspectos particulares das crianças da aldeia Correnteza em Itacoatiara, objeto de seu estudo de mestrado. Em sua investigação é destacada a notável criatividade dessas crianças na invenção de brinquedos.

No âmbito da ação investigativa em curso, Nascimento (2023) ressalta que as crianças do povo Mura exibem criatividade e habilidade notáveis ao confeccionarem brinquedos utilizando materiais encontrados na natureza e itens reciclados. Com recursos simples, como caroços de tucumã e latas descartadas,

elas criam miniaturas de animais e veículos, como boizinhos e carrinhos. Um exemplo dessa criatividade é a representação que fazem do festival folclórico do boi-bumbá ao entardecer, empregando um grande curuatá.

Percebe-se que essa atividade não apenas reflete a riqueza da imaginação infantil, mas também é um reflexo da influência cultural do famoso Boi de Parintins, um elemento icônico na cultura do estado do Amazonas. Essa prática evidencia como as tradições culturais são mantidas e adaptadas pelas novas gerações, mantendo viva a herança cultural em meio à modernidade.

Nascimento (2023) ressalta, ainda, que os objetos criados pelas crianças do povo Mura não servem apenas como entretenimento, mas também como ferramentas educacionais. Isso significa que o aprendizado não se limita somente aos brinquedos. Pois, na comunidade do povo Mura, quando as brincadeiras entre as crianças, denominadas curumins (meninos) e cunhantãs (meninas), adquirem um caráter mais competitivo, observa-se a incorporação de atividades tradicionais. Exemplos comuns dessas atividades incluem a prática de arco e flecha e de corridas até o igarapé, que são mais do que simples jogos. Eles servem como meio de educação e transmissão cultural. Durante esses momentos de competição e diversão, ensinamentos importantes, regras e valores são passados oralmente às crianças, muitas vezes utilizando o Nheengatu, uma língua tradicional da região amazônica. Essas práticas são fundamentais para a manutenção e a transmissão da cultura e do conhecimento indígena, assegurando que as novas gerações cresçam com um profundo entendimento de sua herança cultural e das habilidades necessárias para a vida em comunidade.

Da abordagem anterior, verificamos aproximações com as inferências de Vygotsky (2007). Para o autor, quando uma criança assume um papel, como o de mãe em uma brincadeira, ela segue regras associadas a esse papel. Isso reflete a profundidade da aprendizagem experiencial, reiterando a importância dos pais e da comunidade, nesse caso do povo a qual a criança está inserida, no desenvolvimento integral da criança.

A brincadeira é fundamental no processo de aprendizagem da criança. Durante esse momento lúdico, ela, muitas vezes sem se dar conta, aprende a discernir o significado das coisas, seguindo intuitivamente "o caminho do menor esforço" e encontrando prazer no brinquedo (Vygotsky, 2007, p. 117). No entanto, a brincadeira não é apenas uma fonte de diversão; ela ensina a criança a navegar por caminhos mais complexos. A obediência às regras e o controle dos impulsos, embora pareçam restrições, tornam-se fontes de prazer e satisfação para a criança.

Esse contexto das brincadeiras para as crianças originárias se faz importante dentro e fora dos contextos escolares por apresentar e desenvolver significados de forma a enfatizar e valorizar a cultura do seu povo. Além disso, essas brincadeiras são ferramentas poderosas para articularem na escola conteúdos didáticos com as tradições e saberes ancestrais. Por meio delas, é possível criar uma ponte entre os conhecimentos tradicionais e contemporâneos, promovendo uma educação

intercultural que respeita e celebra a diversidade. Assim, as brincadeiras dos povos originários não são apenas momentos lúdicos, mas também oportunidades educativas que fortalecem a identidade cultural e facilitam a integração da criança no ambiente escolar, respeitando sua origem e história.

Paralelamente, ao analisar a cultura do povo Pupŷkary, identifica-se uma forte presença da educação tradicional, intrinsecamente ligada às atividades culturais e ao cotidiano de seu povo. A professora Pesquisadora Monteiro (2023) do povo Pupŷkary, originária desse povo e nascida em Lábrea, tem direcionado seus estudos acadêmicos à educação escolar indígena. Durante anos, ela vivenciou o silenciamento de sua identidade originária, e agora, no contexto do doutorado em educação, busca valorizar e resgatar a voz originária em estudos contemporâneos. Em sua pesquisa, intitulada “Educação e resistência: Diálogos Sobre Consciência Histórica e Cultural na Cosmovisão de Integrantes do Povo Pupŷkary, Sul do Amazonas (Brasil)”, ela subsidia dados autoetnográficos inéditos, aliados a fundamentos teóricos para lançar luz sobre as adversidades enfrentadas por um povo que, mesmo no século XXI, enfrenta diversas violências de discriminação e racismo.

Sobre esse panorama, Monteiro (2023) ressalta que o avanço da modernidade e de certos eventos históricos influenciaram a transmissão dessa educação originária. Mesmo diante dessas transformações, resquícios das tradições permanecem vivos nas memórias dos mais velhos. Embora, o povo Pupŷkary mantêm-se reservado quanto à expressão aberta sobre seus mitos e tradições, Monteiro (2023) revela em sua pesquisa, relatos que ilustram como a educação tradicional ainda é transmitida às novas gerações. Isso é feito mesclando as histórias e experiências dos anciãos com as práticas pedagógicas em sala de aula adotadas pelos professores nas aldeias.

Dando sequência a essa análise, Monteiro (2023) destaca a importância de entender a singularidade das culturas originárias no processo educacional. Com base na fala dos sete professores entrevistados pela professora pesquisadora do povo Pupŷkary, é possível identificar a diversidade de experiências e percepções que refletem a realidade da educação escolar indígena no sul do Amazonas.

Esses professores, que fazem parte do quadro de profissionais que atuam diretamente nas escolas indígenas de territórios originários, carregam consigo as nuances e complexidades dos contextos originários. Suas vozes ressoam os desafios enfrentados na oferta de uma educação que respeite e valorize a cultura e as tradições originárias, bem como os obstáculos na promoção e consolidação desse processo educacional em territórios tão específicos.

Atuando nas aldeias Pupŷkary labrenses, esses educadores se encontram na linha de frente da interseção entre as tradições originárias e a pedagogia formal. Assim, suas experiências e perspectivas são vitais para se compreender os limites e as potencialidades da educação escolar indígena na região. Monteiro (2023), ao evidenciar esses discursos, busca trazer à tona essa riqueza de compreensões e,

assim, contribuir para uma educação escolar mais inclusiva e de respeito com as comunidades originárias.

Com base nessas reflexões, Monteiro (2023) ressalta que os anciãos são convidados a compartilharem suas memórias durante o processo educacional. Em suas histórias, os mais velhos destacam como, desde a infância, as crianças eram naturalmente imersas nas tradições e vivências de seu povo. Essa educação informal, repleta de oralidade, incluía a participação ativa em atividades cotidianas como caça, pesca e artesanato, servindo como meios valiosos de transmissão de conhecimento e preparação para a vida adulta.

Monteiro (2023) destaca, ainda, os rituais específicos como elementos que sempre desempenharam um papel crucial na demarcação de fases importantes da vida das crianças originárias. Um rito emblemático do passado Pupŷkary era a celebração da primeira menstruação das meninas, marcando sua transição para a adolescência. Mesmo em momentos recreativos, os traços culturais eram evidentes. Um exemplo disso era a "txuãta", ou peteca, feita de palha de milho. Essa brincadeira tradicional, com suas regras específicas, destacava a sinergia entre entretenimento e transmissão cultural.

Analisando o contexto em que foi elaborada a pesquisa, intuímos que essa tradição hoje persiste principalmente nas lembranças dos mais idosos. Embora existam várias aldeias Pupŷkary no município de Lábrea, no Amazonas, nota-se um afastamento contemporâneo da cultura Pupŷkary. Esse distanciamento é consequência da invasão e da violência que o Brasil impôs, levando à descaracterização das raízes culturais originais.

Observando por esse prisma, podemos salientar que a educação intercultural tem sido aliada para o resgate e a revitalização dos saberes tradicionais do povo Pupŷkary. De acordo com Monteiro e Mascarenhas (2023), é preciso que a escola atual esteja consolidada em um currículo que abranja e espelhe os valores culturais dos diferentes povos originários. Desse modo, a escola em seus contextos curriculares deve abranger e levar em consideração as diversas dimensões e especificidades entre os povos.

Nesse seguimento, Monteiro (2023) aborda a percepção dos anciãos Pupŷkary em relação à criança originária, vista como um símbolo de esperança, na qual, ressalta que, para os anciãos, o futuro ideal é aquele em que a sociedade reconhece e valoriza suas tradições ancestrais. Espera-se que as crianças originárias de hoje cresçam conscientes da importância de resistir às influências excessivas da modernidade, garantindo, assim, a preservação e continuidade de suas tradições e cultura. O objetivo é que tais tradições não permaneçam apenas como lembranças distantes, mas como elementos vivos no dia a dia dos Pupŷkary.

Portanto, integrar o conhecimento ancestral ao currículo escolar é essencial para reconhecer e fortalecer a voz dos povos originários. A educação escolar é uma poderosa forma de expressão para eles no século XXI, e a Resolução n. 5, de 22 junho de 2012, conforme Brasil (2012), legitima essa integração. O ensino deve ser

intercultural, respeitando as tradições e privilegiando a oralidade e sabedoria dos mais velhos para preservar a cultura originária.

As especificidades das comunidades originárias, conforme o documento que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica (Brasil, 2012) e Luciano (2006), devem ser a base do desenvolvimento educacional. O sistema educativo deve estar alinhado às práticas culturais originárias, exigindo flexibilidade curricular e material didático adaptado, incluindo recursos bilíngues criados pelas próprias comunidades. Infraestrutura, calendário acadêmico e métodos de ensino precisam refletir as realidades indígenas. É primordial que essas comunidades participem ativamente na formulação e aplicação dos currículos, garantindo uma educação comunitária e adaptada às necessidades de cada povo.

Sobre essas contextualizações, Vygotsky (2007) e Vygotsky e Lúria (1996) destacam que a aprendizagem é um processo contínuo, adaptável e em constante evolução ao longo da vida. Embora a escola ofereça uma abordagem pedagógica sistemática, é a família que fornece à criança valores, tradições e perspectivas fundamentais sobre o mundo. A entrada formal no sistema educacional geralmente ocorre por volta dos 7 ou 8 anos. No entanto, até esse ponto, a família desempenha um papel crucial na fundamentação da educação da criança, transmitindo mitos, valores e conhecimentos por meio da oralidade.

Ampliando essa perspectiva, Vygotsky (1999) enfatiza que a cultura desempenha um papel central no desenvolvimento humano. Em sua visão, o contexto sociocultural não atua apenas como um cenário secundário, mas como uma influência determinante na construção das particularidades individuais e coletivas. O ambiente, repleto de nuances culturais e sociais, influencia profundamente o desenvolvimento da criança, orientando-a sobre como compreender e interagir com o intrincado mundo ao seu redor.

Os autores Vygotsky (2007) e Vygotsky e Lúria (1996) salientam a importância do cuidado, tradicionalmente visto como um pilar na educação, para a formação da identidade das crianças originárias. Essa abordagem, que enfatiza o cuidado intrínseco a uma vivência específica, é considerada vital para a consolidação da identidade étnica. Tal perspectiva se fundamenta na profunda conexão entre a educação, em sua concepção mais ampla, e a estrutura social e familiar.

Portanto, de acordo com as contextualizações dos vários autores que subsidiaram esta seção, destacamos que a interação com o ambiente familiar e social, em conjunto com a experiência educacional, auxilia na formação da criança e em seu desempenho em seu meio social, histórico e cultural. Dessa forma, a educação e os cuidados dos pais não apenas contribuem para definir o 'eu' intrínseco da criança, mas também moldam a maneira como ela percebe os outros e a sociedade em geral. Essa visão crítica sugere que a educação e o cuidado parental, especialmente nas comunidades originárias, têm um impacto significativo na formação da identidade da criança e na maneira como ela se relaciona e interage com o mundo ao seu redor.

| O protagonismo da educação tradicional da aldeia Correnteza Mura no rio urubu

O povo Mura é um grupo originário que habita a região da Amazônia brasileira, ocupando vastas áreas nos complexos hídricos dos rios Madeira, Amazonas e Purus. Conforme Rocha (2016), os Mura são tradicionalmente conhecidos como navegantes habilidosos e têm uma profunda relação com o ambiente aquático, demonstrando um extenso conhecimento dos caminhos entre igarapés, furos, ilhas e lagos. Ao longo da história, eles enfrentaram intensos processos de violência e deslocamentos forçados, que resultaram em significativas perdas demográficas, linguísticas e culturais.

Inicialmente falantes de uma língua isolada, os Mura, conforme informações de Rocha (2016), adaptaram-se ao uso do Nheengatú durante o período de contato para comunicarem-se com outros grupos, e hoje, predominantemente, falam o português. Eles, atualmente, vivem tanto em Terras Indígenas demarcadas quanto em áreas urbanas e periurbanas de cidades como Manaus, Autazes e Borba. Apesar das adversidades históricas, o povo Mura vem realizando esforços contínuos para preservar e valorizar sua identidade cultural, enquanto luta pelo reconhecimento e respeito de seus direitos como povo originário diferenciado no Brasil.

Foi diante dessa realidade histórica na pesquisa sobre os Mura, que se concentram na transição da criança mura frente ao seu processo de educação informal, fundamentada em valores culturais, para a inserção na educação formal institucionalizada, que Nascimento (2023), em sua dissertação de mestrado, contextualiza a expansão dos Mura em terras originárias do município de Itacoatiara. O pesquisador contextualiza a expansão dos Muras em terras originárias do município de Itacoatiara, destacando como essa comunidade ampliou sua ocupação para terras no Rio Urubu. A Terra Indígena Rio Urubu, localizada às margens do rio de nome idêntico, abriga a população de quatro aldeias, incluindo a aldeia Correnteza, situada em áreas tradicionalmente ocupadas pelos Mura.

Nascimento (2023) observa que, além dessas aldeias, existem habitações dispersas pela Terra Indígena, com a população da aldeia Correnteza, estimada em 156 pessoas. Muitos dos habitantes vieram de locais como Autazes, Arari e Araria, atraídos pela identidade comum e a história de ocupação Mura na área do Rio Urubu. Como destaque, o pesquisador ressalta as práticas de subsistência dos Mura, que incluem o uso das florestas de terra firme, matas de igapó, várzeas, igarapés e lagos para pesca, caça e coleta de frutos.

A inclusão desses ambientes na Terra Indígena a ser demarcada é essencial à preservação das formas de vida tradicionais do povo originário Mura. Nesse contexto, Nascimento (2023) evidencia a importância das atividades produtivas para o sistema de subsistência tradicional Mura. As práticas de subsistência desse povo se caracterizaram principalmente pela pesca, caça e coleta de frutos, como

buriti, bacaba, cacau, e tucumã. Curiosamente, a agricultura surge como uma aquisição mais recente na vida cotidiana Mura. Especificamente na aldeia Correnteza, a prática agrícola tem sido adotada há alguns anos.

Nascimento (2023) observa que as roças de subsistência Mura são unidades familiares, ocupando entre um a dois hectares, onde cultivam, principalmente, mandioca, milho, cupuaçu, mamão, abacaxi, ingá, banana, tomate, entre outros. Curiosamente, ele aponta que os terrenos utilizados para essas atividades foram adquiridos por compra, e que os Mura pagam imposto rural à Prefeitura de Itacoatiara-AM.

Dessa forma, é notório que para o povo Mura, os saberes tradicionais não são apenas uma herança cultural, mas também um testemunho de sua resistência e existência ao longo dos séculos. Esses conhecimentos, transmitidos de geração em geração, representam o coração de sua identidade e servem como pilares que sustentam a vitalidade e coesão da comunidade. Valorizar, e perpetuar tais saberes, é uma maneira de reafirmar a relevância, dignidade e vivacidade dos povos originários diante dos desafios contemporâneos e históricos que enfrentam.

| A perspectiva pupÿkary sobre a educação tradicional da criança originária do sul do Amazonas

Os Pupÿkary são um povo originário que vive principalmente na região do Amazonas, no Brasil. Segundo Monteiro e Mascarenhas (2023), o povo Pupÿkary possui uma rica cultura e tradição, que inclui forte ênfase na educação informal das crianças. No contexto da perspectiva Pupÿkary, a educação tradicional da criança originária é profundamente interligada com a vida cotidiana da aldeia e comunidade. Essa educação tradicional ocorre por meio da observação e da participação nas atividades diárias e rituais culturais, que abrangem uma ampla gama de conhecimentos e habilidades, desde a coleta de alimentos e construção de habitações até a arte e a espiritualidade.

Monteiro (2023), integrante do Povo Pupÿkary e conhecedora dos saberes tradicionais de seu povo, bem como dos processos educacionais escolares e extracurriculares, destaca que o aprendizado na cultura Pupÿkary (Apurinã) é fortemente influenciado pela visão de mundo específica desse povo. Segundo a autora, a perspectiva cultural enfatiza a interconexão entre todos os elementos, além do respeito pelo meio ambiente e outros seres. A educação das crianças, portanto, transcende a aquisição de habilidades práticas, englobando também valores fundamentais como cooperação, respeito e responsabilidade.

No entanto, essa forma de educação, conforme Monteiro e Mascarenhas (2020), que se baseia nos conhecimentos tradicionais dos povos originários, está sendo pressionada pelo processo de globalização. A intrusão da sociedade não originária e da economia de mercado do século XXI, assim como a imposição de modelos de educação formal baseados na cultura ocidental, estão desafiando a sobrevivência desses povos. Em alguns casos, estão minando os conhecimentos tradicionais nas aldeias e comunidades Pupÿkary. Portanto, para as crianças Pupÿkary, a vivência

de suas tradições no contexto familiar e comunitário não é apenas uma forma de aprender habilidades e valores, mas também um meio de resistir à assimilação cultural e afirmar sua própria identidade.

A educação informal entre as crianças Pupŷkary e seu povo promove uma ligação profunda com suas raízes culturais, ajudando-as a fortalecer o seu senso de alteridade e identidade diante da diversidade cultural e dos desafios impostos pela globalização. Essa abordagem Pupŷkary à educação informal enfatiza a transmissão cultural, a formação da identidade e a resistência cultural no contexto de uma sociedade em vias de se tornar globalizada.

Essa perspectiva de aprendizagem e formação de identidade pode ser contextualizada criticamente no contexto mais amplo da teoria da identidade cultural. Hall (2006) argumenta que a identidade é um conceito em crise, devido aos inúmeros desafios trazidos pela sociedade pós-moderna. Ele propõe três concepções de identidade que poderiam ser úteis para entender a experiência das crianças Pupŷkary, identidade como cultura, identidade como diferença e identidade como alteridade.

Da mesma forma, Edwards (2009) realça a importância de se considerar os aspectos sociais para compreender comportamentos, tanto linguísticos como culturais. Ele sustenta que é ao estudar a identidade em estreita relação com a língua que se pode apreender a identidade cultural de um povo. Esse ponto de vista é particularmente relevante para a situação das crianças Pupŷkary, cuja língua e cultura são profundamente interligadas.

A partir de então, a ideia dos autores enfatiza aspectos que apresentam a identidade como um valor representativo e uma origem de um povo, isto é, de seu contexto ancestral e cosmológico. Além disso, eles estabelecem uma conexão entre língua e identidade. Assim, a identidade Pupŷkary não se limita a um conjunto de características individuais, mas está intrinsecamente ligada à língua, às tradições e aos valores culturais transmitidos por intermédio da educação própria de um povo. Essa visão de identidade oferece uma forte resistência à homogeneização cultural da globalização e, ao mesmo tempo, um meio para afirmar e celebrar a singularidade cultural.

É perceptível nos debates atuais que as questões de identidade têm sido cada vez mais discutidas, mas ainda são pouco profundas. A identidade é considerada o espírito de uma pessoa e é apresentada em vários contextos, desde o mais individual até o social. Essas relações de educação própria direcionam a cultura e os saberes tradicionais dos mais velhos a um papel significativo no desenvolvimento das crianças Pupŷkary, incluindo aspectos cosmológicos e espirituais. Eles determinam o imaginário e as crenças dos Pupŷkary na vida adulta, transmitindo essas tradições desde os anciãos.

A questão da identidade entre os Pupŷkary e suas crianças, portanto, não pode ser desvinculada do contexto cultural mais amplo em que se insere. Ao contrário da concepção de identidade do sujeito do iluminismo de Hall (2006), a identidade para

os Pupŷkary é diretamente influenciada pelos ensinamentos dos mais velhos e pela conexão contínua com a tradição e a espiritualidade. Essa perspectiva enfatiza a importância do coletivo em contraste com a própria percepção individual da criança quando adulta.

Considerando essas análises, este estudo destaca a cultura e os saberes tradicionais dos mais velhos como uma conexão para o desenvolvimento da criança Pupŷkary diante dos aspectos cosmológicos e espirituais do povo originário. Essas formas próprias de conexões determinam o imaginário e crenças dos nativos na vida adulta.

Acerca dessas contextualizações, Monteiro (2023) oferece uma exemplificação interessante sobre as práticas culturais passadas dos Pupŷkary. A pesquisadora menciona que, historicamente, as famílias Pupŷkary que consumiam carne vermelha, como o porco do mato (miriti), estavam restritas a se casarem apenas com famílias que se alimentavam de aves, como a nambu-galinha. As crenças vigentes proibiam que casais compartilhassem o consumo do mesmo tipo de alimento nativo. Contrariar essa regra implicava consequências severas, podendo levar até a punições extremas, como a morte para o indivíduo rebelde.

Observa-se na declaração da pesquisadora envolvida neste estudo que muitos dos costumes culturais permanecem no passado, portanto, atualmente, existe uma necessidade de revitalizar os saberes e fazeres tradicionais ancestrais para que possam ser valorizados perante a própria consciência de ser e existência social. O extenso histórico de exploração da mão de obra originária durante os períodos da borracha no Amazonas, junto à apropriação de terras originárias, gerou o aparecimento de modos de sociabilidade não tradicionais. Entre essas formas estão as alterações frente às maneiras de viver como uma questão de sobrevivência e fuga da violência sofrida.

Em sua pesquisa, Monteiro (2023) abordou a questão da aprendizagem durante a infância com uma das professoras envolvidas no estudo. Por meio dos subsídios dela, que foi cuidadosamente documentado e analisado, fica evidente que a consciência ancestral do Povo Puŷkary está profundamente enraizada em seus hábitos culturais, persistindo até os dias atuais. Diante disso, destaca-se também que, apesar dos desafios impostos pelo processo de silenciamento, essas práticas culturais continuam sendo fundamentais na educação desse povo, representando uma forma de resistência no século XXI. No entanto, a autora também aponta para uma perda lamentável de muitos valores culturais, atribuída em parte a um sentimento de vergonha que levou muitos Puŷkary a abandonarem sua língua de origem e a renegarem suas identidades ancestrais.

Esses hábitos estavam entrelaçados no cotidiano e eram aprendidos e transmitidos por meio da oralidade, ensinadas pelos membros mais velhos da família. E isso vem se perdendo com a morte dos anciãos originários. O que se percebe em uma contextualização geral é que os originários reconhecem a importância da identidade e da cultura para sua própria valorização. Contudo, hoje, ambos não mostram tanto interesse em revitalizar a história dos antepassados dos povos

originários. Todavia, isso é reflexo da violência e de tentativas de silenciamento dos povos ao longo da história do Brasil.

Frente a essas contextualizações, Monteiro (2023) explora as nuances da infância na cosmovisão Pupŷkary, baseando-se em uma entrevista com uma docente desse povo. De acordo com essa educadora, a educação informal na vida da criança originária é crucial para revitalizar e fortalecer a cultura e a tradição Pupŷkary, que durante anos foi silenciada e até negada pelo próprio povo. A docente relata que, na comunidade onde trabalha e onde sua mãe reside, os mais velhos, apesar de certa vergonha, ainda se esforçam para manter vivas as tradições na vida das crianças. Um exemplo citado é a maneira como os nomes das crianças são escolhidos, geralmente associados à época do nascimento e a elementos naturais, como um tipo específico de peixe. Assim, se um menino nascer gordinho durante a época dos caruaçus, ele pode ser batizado com o nome desse peixe na língua de origem, um reflexo da íntima ligação do povo com a natureza e suas tradições.

Dessa maneira, torna-se essencial entrelaçar diferentes formas de realidades e conhecimentos como um meio de estabelecer conexões com a vida humana, tanto no âmbito do desenvolvimento de experiências individuais quanto nos espaços dedicados à aprendizagem do conhecimento científico. No contexto apresentado, o aspecto determinante deve ser a necessidade de as crianças originárias estarem em conexão com a natureza e suas respectivas realidades culturais. Desse modo, elas poderão se tornar adultos conscientes de suas percepções de si, do outro e do mundo como um todo.

| A realidade da aldeia correnteza Mura no rio Urubu entrelaçada a realidade do povo Pupŷkary

Os povos Mura e Pupŷkary são grupos originários que habitam principalmente a região do Amazonas no Brasil. Tradicionalmente, os Mura são conhecidos por sua adaptação à vida fluvial e suas técnicas de pesca, enquanto os Pupŷkary, são um povo originário que habita a bacia do Rio Purus no Amazonas. Eles são conhecidos por sua agricultura de subsistência e práticas de caça e pesca.

Embora cada um desses grupos originários tenha suas próprias tradições, línguas, e formas de conhecimento, eles compartilham desafios semelhantes. Um desses desafios é a luta pela preservação de sua cultura e suas tradições em meio à pressão da sociedade moderna e do avanço do desmatamento na Amazônia.

Em termos de educação ancestral e tradicional, ambos os povos convergem com a ideia que, segundo Duarte (2012), está nos laços afetivos da família e no desenvolvimento do domínio do idioma do seu povo frente ao processo de socialização, nesse caso, que se inicia na infância da criança originária. O idioma é descrito como uma ferramenta fundamental para a comunicação e a socialização, e a família serve como a primeira e mais influente instância para a aquisição dessa habilidade.

No âmbito familiar, onde prevalecem os vínculos afetivos, uma criança aprende a se comunicar, mas também “aprende a sentir, a pensar, a conceber o mundo a partir de uma perspectiva particular, influenciada pelos valores, crenças e comportamentos de seus familiares” (Duarte, 2012, p. 229). Os valores primários, ou seja, os primeiros princípios éticos e morais, são transmitidos dentro desse contexto.

Esse entendimento se alinha à teoria sociocultural do desenvolvimento de Vygotsky (1998; 2007), que enfatiza o papel do contexto social e cultural no desenvolvimento humano. Segundo essa teoria, as crianças aprendem e se desenvolvem por intermédio da interação social e da participação em práticas culturais.

Dessa maneira, a família, como o primeiro contexto social de uma criança, tem uma influência significativa sobre o desenvolvimento do seu pensamento, suas emoções, seu idioma e seus valores. Essa formação inicial pode ter um impacto duradouro, moldando o modo como a pessoa se relaciona, se comunica e compreende o mundo ao longo de sua vida.

Assim, a realidade da Aldeia Correnteza Mura no rio Urubu, no Município de Itacoatiara, e do povo Pupykary de Lábrea, então entrelaçadas não apenas pela proximidade geográfica e pelo compartilhamento do bioma amazônico, mas também com a luta comum pelo reconhecimento, valorização e preservação de suas culturas e saberes ancestrais.

| Considerações finais

Este estudo apresenta uma discussão sobre a forma como as comunidades originárias Mura e Pupykary, localizadas na Amazônia brasileira, preservam e transmitem seus conhecimentos e culturas por meio da educação informal. Baseado no estudo de Schiel (2004), as formas de conhecimento e cultura dos grupos nativos não são estáticas, mas são constantemente reformuladas e adaptadas em resposta às circunstâncias sociais e culturais.

Um elemento chave desta análise é a noção de que o conhecimento e a cultura desses grupos originários não surgem do nada, mas de um acúmulo de saberes milenares que são transmitidos de geração em geração, principalmente pelos meios orais. Isso sublinha a importância da tradição oral na preservação e transmissão de conhecimento e cultura em sociedades nativas. No entanto, é importante ressaltar que a educação informal nesse cenário também é um espaço de resistência e agência para essas comunidades.

Diante das diversas pressões políticas, sociais e culturais que são enfrentados pelos povos originários, a educação informal torna-se um meio pelo qual esses povos nativos podem reafirmar suas identidades, problematizar questões relevantes em suas comunidades, e resistir às tentativas de assimilação ou extinção cultural.

A análise também destaca o papel dos mais velhos no processo de educação informal e das crianças como receptoras para a revitalização da cultura e dos saberes tradicionais. Os mais velhos são vistos como os guardiões dos saberes, fazeres e da cultura, responsáveis por passá-los para as novas gerações. As crianças, por sua vez, são atores ativos nesse processo, sendo encorajadas a participarem e a formularem suas próprias compreensões do mundo.

Dessa forma, este estudo apresenta uma visão crítica sobre como a educação informal funciona como um espaço de resistência, agência e reafirmação da identidade cultural para os grupos originários Mura e Pupýkary, ao mesmo tempo em que reconhece a importância da tradição oral na preservação e transmissão de seu conhecimento e cultura ancestral.

Contudo, considerando as limitações dos estudos em pauta, vinculadas aos objetivos das pesquisas registradas no texto, a continuidade das pesquisas em curso e outros estudos associados poderão ser aprofundados para estabelecerem outros parâmetros cientificamente sistematizados sobre os processos educacionais ancestrais existentes nos respectivos ambientes socioculturais originários do Brasil, fortalecendo a oferta de novos saberes sobre o tema que poderão apoiar novos estudos e pesquisas, podendo contribuir para fortalecer a proposição de futuras políticas educativas afins.

| Referências

- Brasil. (2012). *Resolução CNE/CEB nº. 5, de 22 de junho 2012*. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica. MEC/CNE/CEB. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11074-rceb005-12-pdf&category_slug=junho-2012-pdf&Itemid=30192
- Duarte, E. S. (2012). La educación informal en Boruca, pueblo indígena de Costa Rica. *Repertorio Americano*, (22), 215-231. <https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/repertorio/article/view/5906>
- Edwards, J. (2009). *Language and Identity: An Introduction*. Cambridge University Press.
- Hall, S. (2006). *A Identidade Cultural na Pós-modernidade* (T. T. da Silva, Trad.). DP&A.
- Luciano, G. dos S. (2006). *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional. <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154565por.pdf>
- Monteiro, A. da S., & Mascarenhas, S. A. do N. (2020). Educação escolar diferenciada, formação de professores indígenas e currículo. *Eccos – Revista Científica*, (54). <https://doi.org/10.5585/eccos.n54.17338>
- Monteiro, A. da S., & Mascarenhas, S. A. do N. (2023). Orinary students in native schools: Configurations of inclusive special education in Southern Amazonas: Estudantes originários em escolas indígenas: Configurações da educação especial inclusiva no Sul do Amazonas. *Concilium*, 23(9), 363–380. <https://doi.org/10.53660/CLM-1294-23K31>
- Monteiro, A. da S. (2023). *Educação e resistência: Diálogos sobre consciência histórica e cultural na cosmovisão de integrantes do povo Pupykary, Sul do Amazonas (Brasil)* [Manuscrito não publicado]. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Amazonas.
- Nascimento, H. B. do. (2023). *Contexto histórico cultural, hábitos de estudos e rendimentos escolar de estudantes da aldeia Correnteza Mura Rio Urubu, Itacoatiara – AM/Brasil* [Manuscrito não publicado]. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Amazonas.
- Rocha, B. S. da. (2016). *A desconstrução da imagem do povo Mura pela perspectiva da crítica pós-colonial*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Amazonas]. <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5597>
- Schiel, J. (2004). *Tronco Velho: histórias apurinã* [Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas]. <https://www.cpei.ifch.unicamp.br/pf-cpei/%20/SchielJuliana.pdf>
- Vygotsky, L. S. (1998). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores* (6.ed.). Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (1999). The teaching about emotions. Historical-psychological studies. Em R. Rieber (Ed.). *The collected works of L. S. Vygotsky (Vol. 6: Scientific Legacy)* (M. J. Hall, Trans.; pp. 71–235). Plenum.
- Vygotsky, L. S. (2007). *Pensamento e linguagem*. Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S., & Lúria, A. R. (1996). *Estudos sobre a história do comportamento: O macaco, o primitivo e a criança*. Artes Médicas.

Sobre os autores

Alcioni da Silva Monteiro


Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0001-8710-4520>

Mestre em Ensino de Ciências e Humanidades pela Universidade Federal do Amazonas (2019). Professora coordenadora da Secretaria Municipal de Educação e Cultura do município de Lábrea. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Amazonas. E-mail: alcionimonteiro@hotmail.com

Hely Brasil do Nascimento


Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, Brasil

 <https://orcid.org/0009-0001-7044-1739>

Mestre em História geral pela Université Libre des Sciences de L'homme de Paris (2017). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (2023). Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Amazonas. E-mail: h.b.nascimento.ppe.ufam@gmail.com

Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas

Universidade Federal do Amazonas, Humaitá, AM, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-0545-5712>

Doutora em Diagnóstico e avaliação educativa-psicopedagogia pela Universidade da Coruña (2004). Professora titular da Universidade Federal do Amazonas. Dirigente das Revistas Educamazônia (2008-atual) e Revista Amazônica (2008-atual), Revista Ensino de Ciências e Humanidades (2017-atual) e Revista Educação e Humanidades (2020-atual). E-mail: suelymascarenhas2019@gmail.com

Romildo Pereira da Cruz

Universidade Estadual do Amazonas, Humaitá, AM, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-1323-1911>

Doutor em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari (2019). Professor da Universidade Estadual do Amazonas de Humaitá. Membro da Comunidad virtual de la Red de Educacion Matematica de America Central y El Caribe. Membro da Sociedade Brasileira Matemática. Consultor AdHoc da FAPEAM. E-mail: romildo.cruz@universo.univates.br

Contribuição na elaboração do texto: autora 1 – autora das bases coletadas, análises de dados e contextualizações acerca do povo Pupýkary; autor 2 – autor das bases coletadas, análises de dados e contextualizações acerca do povo Mura; autora 3 – autora das orientações, revisões, correções, consolidação do manuscrito e tradução em espanhol; autor 4 – autor das orientações, revisões, correções, consolidação do manuscrito e tradução em inglês.

Resumen

Este artículo analiza la visión de los pueblos indígenas sobre la educación y el cuidado infantil en el pueblo Correnteza Mura y el pueblo Pupýkary. A través de la autoetnografía y la dialéctica, se contextualiza la cosmovisión de estos pueblos sobre el cuidado infantil, a partir de la comprensión de Vygotski sobre la interacción hombre-ambiente. Revela que la educación cotidiana de los pueblos muestra cómo los padres integran el entorno familiar y escolar, destacando la preservación cultural e identitaria. La investigación destaca la importancia de la afectividad en las relaciones sociales, que influye en el comportamiento educativo a lo largo de la vida.

Palabras clave: Relaciones educativas. Cultura. Niño original. Mura. Pupýkary.

Abstract

This article analyzes the vision of indigenous peoples on education and childcare in the village of Correnteza Mura and the Pupýkary people. Through autoethnography and dialectics, the worldview of these peoples on childcare is contextualized based on Vygotski's understanding of human-environment interaction. It shows that the everyday parenting of the peoples demonstrates how parents integrate the family and school environments, emphasizing the preservation of culture and identity. The research highlights the importance of affectivity in social relationships, which influences parenting behavior throughout life.

Keywords: Educational relations. Culture. Original child. Mura. Pupýkary.

Linhas Críticas | Periódico científico da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasil
ISSN eletrônico: 1981-0431 | ISSN: 1516-4896
<http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas>

Referência completa (APA): Monteiro, A. da S., Nascimento, H. B. do, Mascarenhas, S. A. do N., & Cruz, R. P. da. (2024). Povos Mura e Pupýkary: a relação educativa da criança amazônica originária. *Linhas Críticas*, 30, e50853. <https://doi.org/10.26512/lc30202450853>

Referência completa (ABNT): MONTEIRO, A. da S.; NASCIMENTO, H. B. do; MASCARENHAS, S. A. do N.; CRUZ, R. P. da. Povos Mura e Pupýkary: a relação educativa da criança amazônica originária. *Linhas Críticas*, 30, e50853, 2024. DOI: <https://doi.org/10.26512/lc30202450853>

Link alternativo: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/50853>

Todas as informações e opiniões deste manuscrito são de responsabilidade exclusiva do(s) seu(s) autores, não representando, necessariamente, a opinião da revista Linhas Críticas, de seus editores, ou da Universidade de Brasília.

Os autores são os detentores dos direitos autorais deste manuscrito, com o direito de primeira publicação reservado à revista Linhas Críticas, que o distribui em acesso aberto sob os termos e condições da licença Creative Commons Attribution (CC BY 4.0):
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

